

# A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas

## *The hermeneutics of the feminine in theology: its struggles and achievements*

MARIA CRISTINA S. FURTADO\*

### Abstract

Considering the Encyclical *Laudato Si'*: on the care of the Common Home (2015), and the questions that arose in relation to the suffering of the Earth and its children, this article addresses: the need to give voice to women, the importance that their participation has for the life of the planet, as well as their hermeneutics, especially in theology. We consider the feminine contribution to the various fields of society to be feminine hermeneutics. For this reason, we will refer to the trajectory of theology with the male perspective on women, and the current change, in the way of doing theology, as from the Second Vatican Council. We will show how the spirituality of Liberation Theology (LT) influenced different hermeneutics that, through feminist theology – by Elizabeth Schüssler-Fiorenza, Maria Clara Bingemer, Ivone Gebara, Elsa Támez, etc. – opened opportunities for new hermeneutics of the feminine. LT also favoured eco-feminist theology, and gender-based feminist theology, from which reflections on LGBTQIAP+ inclusive liberating theologies

---

Texto escrito em português de acordo com a norma brasileira.

\* Doutora em Teologia Sistemática Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; <http://orcid.org/0000-0003-0078-3853>; [mariacristinafurtado476@gmail.com](mailto:mariacristinafurtado476@gmail.com).

emerged, some inspired by the philosophy of Emmanuel Lévinas, and the unconditional love of God. The hermeneutics of the feminine, which we present here, as Pope Francis suggests, are aimed at defending the planet, social minorities, and the most diverse social groups, in a way that all people can be contemplated by the unconditional love of God.

**Keywords:** Liberation; Feminine Hermeneutics; Respect; Unconditional Love.

### **Resumo**

A partir da *Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum* (2015), e das questões que surgiram sobre o sofrimento da Terra e de seus filhos, abordaremos neste artigo: a necessidade de dar voz às mulheres, a importância de sua participação na vida do planeta, e a sua hermenêutica, na teologia. Consideramos hermenêutica do feminino a contribuição feminina nos diversos campos da sociedade. Assim, traremos a trajetória da teologia com o olhar masculino sobre a mulher, e a mudança, na teologia, a partir do Concílio Vaticano II. Mostraremos como a espiritualidade da Teologia da libertação (Tdl) influenciou as diferentes hermenêuticas, que, através da teologia feminista feita por Elisabeth Schüssler Fiorenza, Maria Clara Bingemer, Ivone Gebara, Elsa Támez etc., abriram oportunidades para novas hermenêuticas do feminino. A Tdl favoreceu ainda a teologia ecofeminista, e a feminista a partir do gênero, de onde surgiram reflexões sobre as teologias libertadoras inclusivas LGBTQIAP+, algumas inspiradas na filosofia de Emmanuel Lévinas, e no amor incondicional de Deus. A hermenêutica do feminino, que aqui traremos, como sugere o Papa Francisco, estão voltadas para a defesa do planeta, das minorias sociais, e dos mais diferentes grupos sociais, de modo que todas as pessoas possam ser contempladas.

**Palavras-chave:** Libertação; Hermenêutica do feminino; Respeito; Amor incondicional.

## Introdução

Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai nos suceder, às crianças que estão a crescer? (LS 160)

Nesta pergunta, a meu ver, está o âmago da *Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum*<sup>1</sup>, na qual o Papa Francisco interroga não apenas sobre o meio ambiente, mas em relação ao sentido da nossa existência, dos valores que nos rodeiam e trazem a base para a vida social.

Ao ler a encíclica, algumas questões começam a surgir: como fazer esta pergunta, sem pensar, de modo especial, nas respostas que as mulheres têm a dar? Elas que, com inteligência e competência, possuem uma pluralidade e diversidade importantes para a integração da pessoa humana e a sociedade.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco chama a atenção para a importância da Casa Comum e da necessidade do desenvolvimento de uma ecologia integral para benefício do planeta e das pessoas que nele vivem. Mais uma vez, como pensar nas respostas a serem dadas, sem o posicionamento das mulheres em relação ao cuidado da nossa Casa Comum? As mulheres que, como sabemos, trazem, além de suas próprias vivências e conhecimento, a experiência histórica do «cuidado» passada pelas mães, avós, bisavós etc. Dessa forma, têm muito a dizer.

No entanto, na Igreja Católica, os estudos feitos para analisarem a possibilidade de as mulheres serem diaconisas e terem acesso a ministérios em igualdade com os homens apontaram negativamente, e o convite que tem sido feito pelo Papa Francisco a algumas mulheres para

---

<sup>1</sup> Papa Francisco, *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum (=LS)*, 24 maio 2015, disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

participarem de cargos decisórios na Igreja tem provocado muita polêmica e resistência. Então..., como poderão as mulheres cristãs católicas sentir-se devidamente representadas, com as importantes contribuições dadas por outras mulheres?

No Brasil, a destruição do meio ambiente, o garimpo ilegal, a contaminação das águas, as queimadas, as derrubadas de florestas, o lixo industrializado, e agora no mundo a terrível possibilidade de uma guerra mundial, são aspectos assustadores. Junto a isso temos a desigualdade, a injustiça social e a ocultação das vozes, a exploração e discriminação das pessoas pobres, refugiadas, com deficiência, indígenas, negras, LGBTQIAP+, e mulheres. Violências extremamente fortes, capazes de abrir uma ferida tão profunda no coração do planeta, que se nada for feito, poderá ser fatal ao mundo e à humanidade!

O que nos traz esperança é que, se de um lado assistimos a diferentes e profundos gritos de dor e socorro, com a indiferença do Estado e de certos grupos da sociedade, por outro ouvimos ecoar as vozes e ações em defesa do planeta e das pessoas que sofrem. Uma luta árdua onde milhões desejam se fazer ouvir, e levar iguais e diferentes a também serem ouvidos em seus conhecimentos, experiências e dizer: se nos unirmos em pensamentos e ações em harmonia com a mãe terra, com direitos iguais, aprendendo e respeitando as nossas diferenças, poderemos nos humanizar e salvar-nos a nós e ao planeta.

Mas a opção e determinação de deixar as mulheres fora de certos ministérios, assim como a resistência aos cargos decisórios, não pertence só à Igreja Católica. No Brasil, embora as mulheres sejam 52,3% da população e os homens 47,7%, temos apenas 15% de deputadas federais (eleição de 2018-BETON, s.d.). O mesmo acontece em diversas igrejas cristãs, em outras religiões, em diferentes firmas, mesmo quando as leis exigem o contrário. Apesar de serem maioria, o poder decisório das mulheres ainda é muito inferior ao dos homens.

A estrutura patriarcal e misógina persiste, e as mulheres, constantemente, enfrentam deboches, ofensas, perseguições, boicotes, e algumas são assassinadas quando começam a incomodar, como a juíza Patrícia

Acioli, em 2011, por policiais militares<sup>2</sup>, e a vereadora Marielle Franco, em 2018, ainda sem conclusão final sobre o mandante do crime<sup>3</sup>.

Com acesso e destaque a todos os saberes, as mulheres, para conquistarem e depois permanecerem nos cargos, precisam ser as que mais trabalham e produzem, as mais competentes, as melhores. Além disso, é comum terem jornadas duplas, caso desejem ter uma vida familiar, com alguém para amar, e/ou filhos/as para criar. Em muitos lares, ainda não existe a divisão de tarefas, ou elas criam sozinhas os/as seus/suas filhos/as.

Apesar de tudo isso, as mulheres, pela luta e resistência constantes, são presenças marcantes, e com a inteligência peculiar às pessoas humanas, através de suas percepções e de experiências iguais e diferentes, trazem hermenêuticas tão importantes em todos os saberes: teologia, filosofia, matemática, mecânica, engenharia, biologia, física, psicologia, pedagogia etc. Hermenêuticas que fazem a diferença no mundo. Como mulher, mãe, cristã católica, leiga, professora e teóloga, quero abordar neste artigo um aspecto que julgo ser necessário em um dossiê como este: a trajetória da hermenêutica do feminino na teologia e, na atualidade, a importância de suas produções.

### 1. Um pouco de história

A teologia, por muito tempo, esteve calcada em conceitos que partiam do abstrato e universal como normas naturais determinadas pelo Transcendente, e a partir do método dedutivo surgiam as regras que deveriam ser seguidas, independentemente das necessidades, contextos e diversidade da pessoa humana. Feita, exclusivamente, por homens, a teologia trazia, tanto nas interpretações como nas hermenêuticas bíblicas e elaborações teológicas, a percepção masculina da mulher, e a colocava

---

<sup>2</sup> Paolla Serra, «Filme vai contar a história da juíza Patrícia Acioli, assassinada por policiais militares em Niterói,» *O Globo*, 19 mar. 2022, disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/filme-vai-contar-historia-da-juiza-patricia-acioli-assassinada-por-policiais-militares-em-niteroi-25438595> (acedido em 23.03.2022).

<sup>3</sup> Lola Ferreira, «Marielle: Bate-boca marca reunião de família com governador do RJ e polícia,» *UOL*, 18 mar. 2022, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/03/18/reuniao-castro-secretario-marielle-4-anos.htm> (acedido em 23.03.2022).

como inferior, pecadora, responsável pela queda do ser humano. Dessa forma, apesar de a humanidade ter sido salva por Jesus Cristo, parecia que a mulher não havia encontrado o seu lugar na salvação.

Segundo Elsa Támez, a raiz fundamental da violência de gênero existente na sociedade e na Igreja encontra-se no fato de o homem ter sido considerado «um ente superior e a mulher inferior»<sup>4</sup>. Uma visão que relaciona a mulher ao mal, à tentação, à sedução. Eva instigou Adão a cometer o pecado, tornando-a maldita sobre a Terra. Visão que entrou no cristianismo através do estoicismo e, hoje, ainda é encontrada em alguns recintos masculinos, inclusive eclesiais, que insistem em culpar o feminino pela ambivalência do desejo de apropriação e pela tentação à castidade.

O saber teológico e o poder decisório também pertenciam, exclusivamente, à esfera masculina, e a mulher poderia ficar, no máximo, em segundo plano, como uma ajudante, atuando de forma subalterna. Ao homem fora dada uma capacidade lógica e o seu lugar era no âmbito público; já quanto à mulher, pela sua natureza predominantemente emocional, sua função deveria ser no setor privado da casa, a fim de cuidar do marido e dos filhos. Segundo Maria Clara Bingemer, dentro da Igreja, o que mais preocupa é ainda a percepção de que em certos recintos eclesiais existe a crença de que «o patriarcalismo sublinha a superioridade do homem não somente numa perspectiva intelectual ou prática, mas no que chamaríamos de uma perspectiva ontológica»<sup>5</sup>.

Por séculos, esta forma de perceber a mulher provocou o silenciamento de vozes femininas. Entretanto, sempre existiu, apesar de invisibilizadas, a participação ativa de mulheres na Bíblia, em feitos históricos e, mais tarde, na produção teológica e lideranças comunitárias. Para Fiorenza, «o afastamento das mulheres da liderança e da teologia no espaço

---

<sup>4</sup> Elsa Támez, «Religião, gênero e violência,» *Koinonia*, Agenda Latino-Americana (2011): 154, disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=353>

<sup>5</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer, «La mujer: protagonista de la evangelización,» *Revista Diakonia*, 125 (2008): 92.

eclesial foi realizado por meio da domesticação da mulher sob autoridade masculina»<sup>6</sup>.

Somente na década de 60, com a virada antropológica da teologia, onde a pessoa humana foi valorizada como sujeito de fé, livre e totalmente capaz de responder ao chamado divino, surgiu um outro olhar da Igreja Católica sobre o mundo e a mulher, trazendo uma nova forma de fazer teologia.

## 2. O Concílio Vaticano II

O Concílio do Vaticano II (1962-1965) foi um concílio primordial na mudança do olhar teológico. No documento *Gaudium et Spes*, por exemplo, encontramos a afirmativa que todo ser humano é a imagem de Deus visível na humanidade. Então, podemos concluir que, ao se referir que toda pessoa humana possui a mesma dignidade, é possível incluir a mulher.

[...] Uma vez que todos os seres humanos, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, têm a mesma natureza e a mesma origem e porque, redimidos por Cristo, gozam da mesma vocação e destino divinos.<sup>7</sup>

De acordo com este documento:

Os homens não são todos iguais quanto à capacidade física e forças intelectuais e morais, variadas e diferentes em cada um. Mas deve superar-se e eliminar-se, como contrária à vontade de Deus, qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião. Por exemplo, quando se nega à mulher o poder

---

<sup>6</sup> Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Discipulado de iguais: uma eclesiologia feminista crítica da libertação* (Petrópolis: Editora Vozes, 1995), 9.

<sup>7</sup> Papa Paulo VI, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*, Vaticano, 7 dez. 1965, disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html) (=GS).

de escolher livremente o esposo ou o estado de vida ou de conseguir uma educação e cultura iguais às do homem.<sup>8</sup>

Durante o Concílio Vaticano II, embora não nomeadas, algumas mulheres atuaram como auditoras e, de acordo com Adriana Valério, a atuação dessas mulheres foi muito importante em documentos que trouxeram mudanças na Igreja em relação às mulheres. «O Concílio [...] representou para a mulher a afirmação da igualdade fundamental com o homem, do respeito devido aos direitos fundamentais que se lhe referem enquanto ser humano.»<sup>9</sup>

Entre esses documentos, podemos citar o *Apostolicam Actuositatem*, que trouxe a abertura de centros de estudos para leigos, mulheres, jovens e adultos:

Para os leigos consagrados ao apostolado, existem já muitos meios [...] Criem-se, além disso, centros de documentação e de estudo não só de teologia, mas também de antropologia, psicologia, sociologia, metodologia, para fomentar mais as qualidades dos leigos, homens e mulheres, jovens e adultos, em todos os campos do apostolado.<sup>10</sup>

O Concílio Vaticano II foi um despertar da Igreja Católica para o mundo. De acordo com José Oscar Beozzo, o concílio «enfatizou a Igreja como povo de Deus, a centralidade das igrejas particulares e de sua presença e testemunho no mundo de hoje»<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> GS 29.

<sup>9</sup> Adriana Valério, *A presença feminina no Vaticano II. As 23 mulheres do Concílio* (São Paulo: Ed. Paulinas, 2014), 209.

<sup>10</sup> Papa Paulo VI, *Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado dos leigos*, Vaticano, 18 nov. 1965, 32, disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)

<sup>11</sup> José Oscar Beozzo, «A caminhada da Teologia da Libertação: o êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas,» in *50 anos de Teologias da Libertação. Memória, revisão, perspectivas e desafios*, org. Edward Guimarães, Emerson Sbardelotti, e Marcelo Barros, vol. 1 (São Paulo: Ed. Recriar, 2022), 20.



Com uma espiritualidade que redescobre o encontro fontal de Jesus com o Pai, libertador do povo, da pessoa humana, e de toda a criação, de acordo com Solange do Carmo e Francisco Cornélio F. Rodrigues, a partir do concílio, o Espírito surpreendeu com o seu sopro inovador, nomeadamente na Teologia da Libertação (TdL): «Uma teologia com a cara da América Latina, nascida da prática pastoral dos pobres, sustentada pela fé no Deus libertador das Escrituras.»<sup>12</sup>

O método ver, julgar e agir, usado pela TdL provocou uma mudança substancial na metodologia oficial da Igreja Católica, que até então recorria a filosofia escolástica e usava o método dedutivo. A partir da Conferência de Medellín, o ponto de partida passou a ser «a realidade do momento», o que levou a se perceber, de modo marcante, a fome, a miséria e a injustiça presentes no mundo. Diante do «ver», a metodologia indutiva do «julgar» e do «agir» favoreceu a criação de novos campos pastorais, tendo os evangelhos como base.

### 3. A Teologia da Libertação

Ao falar da fé em Deus e no Reino de Deus, a TdL trouxe a possibilidade de se olhar para o mundo atual e poder vislumbrar o futuro, de perceber através da realidade política, na qual se vive, o futuro desejado. Uma teologia encarnada na história, com uma reflexão crítica da práxis, na procura de uma transformação da humanidade<sup>13</sup>. A TdL retira a teologia do espaço privado, com exclusividade eclesial, e a coloca no espaço público, levando-a a assumir a dimensão política e socioeconômica da realidade vivida e sofrida pelos pobres<sup>14</sup>.

Segundo Maria Clara Bingemer, a opção preferencial pelos pobres «não deriva nem se origina em uma opção pelo marxismo, mas encontra

---

<sup>12</sup> Solange Maria do Carmo e Francisco Cornélio F. Rodrigues, «Teologia da Libertação: um sopro do Espírito na América Latina,» in *50 anos de Teologias da Libertação*, 183.

<sup>13</sup> Cf. Suzana Regina Moreira, *O corpo é o que nos une: uma antropologia teológica integral a partir da teologia da libertação latino-americana*, dissertação de mestrado, 15 jun. 2021, 40, disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.53252>

<sup>14</sup> Cf. Clodovis Boff e Leonardo Boff, *Da libertação: o teológico das libertações sócio-históricas*, 4.<sup>a</sup> ed. (Petrópolis: Vozes, 1985), 45.

sua fonte em uma espiritualidade, uma mística: a mística do encontro com o Senhor no rosto dos pobres»<sup>15</sup>. Nesta espiritualidade, os fracos, os discriminados, os oprimidos tornaram-se prioridade, surgindo a necessidade de retomar e reapropriar a hermenêutica bíblica a partir do povo da América Latina e do Deus que se revela na história.

A partir deste modo de fazer teologia, apesar das inúmeras ameaças e perseguições, segundo Ronilso Pacheco, a teologia se liberta, e muitas são as vozes que se sentem motivadas a seguir o dom do Deus que se revela na história. Dela surgem ramificações e novas hermenêuticas calcadas em subjetividades coletivas, levando pessoas das mais diferentes experiências a disputarem a teologia e fazerem:

[...] uma teologia feminista, uma teologia negra, uma teologia ecológica, uma teologia *queer*, uma teologia de libertação. [...] Uma teologia pós e decolonial, uma teologia ecumênica e inter-religiosa, uma teologia que quebre as linhas antitóque (as linhas imaginárias de hostilidade que impedem o contato, o diálogo, a aproximação e fomentam o isolamento autocentrado e autossuficiente), que mata o diálogo e a construção de caminhadas comuns.<sup>16</sup>

Este novo modo de fazer teologia deu à mulher a condição necessária para realizar de forma consciente, séria, e eficaz, uma profícua produção. Embora ainda esteja sempre lutando para tê-la valorizada, a hermenêutica do feminino está presente, de forma marcante, e fazendo a diferença, nas diversas áreas da teologia.

#### 4. A teologia feminista

Nas décadas de 60 e 70, no Brasil, os movimentos sociais estavam em efervescência, e entre eles o movimento feminista. Neste contexto surgiu

---

<sup>15</sup> Maria Clara Bingemer, «A mística na raiz das Teologias da Libertação,» in *50 anos de Teologias da Libertação*, 168.

<sup>16</sup> Ronilso Pacheco, *Teologia Negra. O sopro antirracista do Espírito* (Brasília: Ed. Novos Diálogos, 2019), 39.

a teologia feminista, inicialmente, muito conectada com a teologia feminista do primeiro mundo, mas logo os problemas da América Latina, em especial, os do Brasil, falaram mais alto, e as teologias latino-americanas e brasileira ganharam características próprias. Para Elizabeth Schüssler Fiorenza, «a intuição básica de todas as teologias da libertação, incluindo a teologia feminista, foi o reconhecimento de que toda teologia quer queira quer não, é, por definição, comprometida em favor ou contra os oprimidos»<sup>17</sup>.

De acordo com Neiva Furlin, tanto Brunelli quanto Rohden distinguem três fases da produção teológica das mulheres latino-americanas, incluindo as teólogas brasileiras. A primeira fase foi chamada de «a teologia e a “questão da mulher”». Ocorreu na segunda metade da década de 1970. Uma produção que surgiu a partir das experiências das mulheres e das dificuldades que enfrentaram no interior dos cursos de Teologia. «Traziam a discriminação que, por serem mulheres, sofreram nas comunidades eclesiais, quando procuravam compartilhar os conhecimentos teológicos.»<sup>18</sup>

Desta experiência as teólogas sentiram a necessidade de uma nova hermenêutica para a leitura bíblica que servisse de ferramenta no processo de «libertação», tanto no interior da instituição eclesial, como nas outras esferas sociais. «Um grande esforço para tornar o sujeito mulher visível, a partir de uma nova leitura bíblica, sobretudo pela reinterpretação dos textos bíblicos na ótica da mulher.»<sup>19</sup>

A segunda fase, de acordo com Delir Brunelli, foi a «teologia na “ótica da mulher”». Ocorreu na década de 80, com as produções denunciando o caráter androcêntrico, patriarcal e demasiadamente racional

---

<sup>17</sup> Fiorenza, *Discipulado de iguais*, 29.

<sup>18</sup> Neiva Furlin, «Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico,» *Rever*, ano 11, n.º 01 (2011): 144.

<sup>19</sup> Furlin, «Teologia feminista», 144.

do discurso teológico. Nesta época, as mulheres teólogas começaram a questionar o fato de a Teologia da Libertação tratar os pobres de forma genérica, pois perceberam ser diferente fazer teologia com base nas experiências dos homens, ou nas experiências das mulheres pobres.

Nesta fase, muitas teólogas se revelaram através de suas hermenêuticas, tais como: Elisabeth Schüssler Fiorenza, Rosemary Radford Ruether, Phyllis Trible, Tina Beattie, Elza Támez, Maria Clara Bingemer, Ana Maria Tepedino, Tereza Cavalcanti etc., que acrescentaram a novidade de utilizarem o método da desconstrução das ideologias patriarcais.

A terceira fase foi a partir de 1990, com dois tipos de produção: a teologia ecofeminista e a teologia feminista pela perspectiva de gênero.

### **5. A teologia ecofeminista**

O principal nome do ecofeminismo chama-se Ivone Gebara. Ela une ecologia com feminismo, e natureza com as mulheres. Entretanto, o grande desafio é captar como ambas estiveram sob o domínio patriarcal masculino.

Segundo Gebara, é importante separar a natureza do espírito científico, pois a natureza pode pertencer à mulher, mas o espírito científico é considerado uma especialidade masculina, e tornou-se uma chave interpretativa da civilização ocidental. Todos os grupos humanos mais próximos do polo natural foram classificados como primitivos e inferiores, o que justificava a dominação sobre eles.

Para Ivone a epistemologia é muito importante, e a que deve ser usada com as mulheres nos grupos é a práxis, o cotidiano da vida. Quando se deseja mudar, transformar, é preciso pensar de maneira diferente, e isso exige posturas diversificadas frente ao conhecimento, abrir espaços para o pensamento alternativo, em relação a nós próprios, e àquilo que desejamos.

As mulheres a serem alcançadas são as mulheres nas escolas, nos sindicatos, nas universidades, nas escolas técnicas, na vida cotidiana etc. De acordo com Gebara, «trabalhar a epistemologia é querer influenciar nos processos de transmissão do conhecimento e tentar mudar a estrutura

hierárquica de poder que se reproduz nas bases de nossa sociedade e de nosso conhecimento»<sup>20</sup>.

Jesus falou por meio de parábolas e muitas delas estavam ligadas a natureza, a alimentos, a vida cotidiana. A grande maioria que o seguia era de mulheres, e ele tornava os seus ensinamentos capazes de serem entendidos por todas as pessoas. Na atualidade, nas igrejas, as mulheres também são a maioria, e possivelmente em todas as regiões do mundo.

A perspectiva ecofeminista não só procura mostrar a conexão entre a dominação das mulheres e da natureza, sob o ponto de vista da ideologia cultural e das estruturas sociais, mas também procura introduzir novas formas de pensar, em vista de uma «ecojustiça». O labor teológico das mulheres se dá na busca de recuperar as realidades existenciais, deixando que elas falem por si mesmas. Partem da vida e da realidade para só depois ligá-las com a tradição anterior. Uma teologia que propõe a ruptura com as relações de gênero baseadas na lógica binária (homem / / mulher) e que considera que tanto a natureza como a mulher têm sido tratadas pelo princípio da hierarquia e da dominação patriarcal, o que precisa ser modificado.

## 6. A teologia feminista através da perspectiva de gênero

A partir desta perspectiva, pode-se compreender melhor e aprofundar o caráter androcêntrico e patriarcal da teologia. De acordo com Neiva Furlin, o conhecimento pode se dar através de uma visão de gênero e, a partir dessas referências, interpretarmos o que compreendemos do mundo. «Podemos olhar para a realidade e produzirmos saberes desde dentro e não a partir de uma neutralidade supra-humana.»<sup>21</sup>

O discurso normativo masculino deixa de ser universal, e o gênero passa a ser percebido não só como uma mediação hermenêutica, mas

---

<sup>20</sup> Ivone Gebara, *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião* (São Paulo: Ed. Olho D'água, 1997), 29.

<sup>21</sup> Neiva Furlin, *Relações de gênero, subjetividades, e docência feminina: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica*, dissertação de doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2014, 27, disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/36056>

também como uma mediação epistemológica de novos saberes. O gênero traz olhares diversificados, e importantes, pelo que trazem de igual e de diferentes.

A teologia feminista não é homogênea, e talvez devêssemos dizer «teologias feministas». De acordo com Catharina Joana Maria Halkes e Hedwig Meywer-Wilmes<sup>22</sup>:

Reunidas no nome feminista encontram-se diferentes posições, métodos para adquirir conhecimento, e conceitos de realidade e de teologia, cujo critério para julgar os conhecimentos e resultado jamais será a correção de sua análise, e sim a força que ela tem para modificar o *status quo*.<sup>23</sup>

A compreensão da importância do gênero traz, como base, o aspecto social e psicológico, e a partir dela surgem novas pesquisas e conclusões, através das mais variadas ciências.

## 7. A teologia feminista negra

Entre as vozes que se levantaram para trabalhar a reflexão teológica feminista negra, no Brasil, encontramos Cleusa Caldeira. Para esta teóloga, esta hermenêutica encontrou espaço cem anos após a Bíblia da mulher, surgindo junto com a teologia da libertação e a textologia feminista, e hoje começa a ser reconhecida nos círculos acadêmicos. De acordo com Caldeira, a Bíblia é produto de uma cultura patriarcal e androcêntrica, cujas interpretações são realizadas por homens que partem de uma teologia oficial, carregada de visões racializadas e etnocêntricas. Dessa forma, «o desafio da hermenêutica negra feminista é desmascarar as interpretações tendenciosas e reinterpretar o relato bíblico na perspectiva do povo negro, nesse caso, da mulher negra»<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> Catharina Joana Maria Halkes e Hedwig Meyer-Wilmes, «Teologia feminista,» in Elizabeth Gossman, *Dicionário de teologia feminista* (Petrópolis: Vozes, 2001), 503.

<sup>23</sup> Halkes e Meyer-Wilmes, «Teologia feminista», 502-505.

<sup>24</sup> Cleusa Caldeira, «Hermenêutica negra feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos

Para Frisotti<sup>25</sup>, a Bíblia foi usada não só para legitimar a escravidão, «mas também para amaldiçoar o povo negro através de sua interpretação repleta de etnocentrismo», e relegar a mulher negra a feiticeira, escrava, pecadora, libertina. Isto contribuiu para a construção de um imaginário negativo sobre o corpo negro.

A teologia negra, inicialmente, não considerou a questão de gênero. Segundo Caldeira, havia um silêncio em relação às mulheres negras, mesmo elas sendo a metade das pessoas negras, e 75% da Igreja negra. Abordava-se apenas a experiência de homens negros, sem cogitar a contribuição das mulheres negras. Este silêncio e invisibilidade só foi quebrado com o surgimento de teólogas feministas negras.

Para James Cone, o silêncio existente acontecia pelo machismo dos teólogos negros, que achavam o feminismo ideia de mulher branca, de classe média, enquanto afirmavam «controversamente que a mulher negra já estava liberta»<sup>26</sup>. Só a partir de 1977 começou a ser feita a correlação entre racismo, sexismo e classismo, o que deu origem à *womanist theology*, uma teologia feminista na perspectiva negra<sup>27</sup>.

Ao se partir da experiência concreta do povo negro, cultivando a esperança de sobrevivência deste povo, a teologia enegreceu a Bíblia, dando protagonismo às mulheres negras e homens negros, trazendo a esperança para as lutas atuais.

## 8. As teologias libertadoras inclusivas LGBTQIAP+

A espiritualidade da libertação, como vimos, está voltada para todas as pessoas necessitadas, pois ela redescobre o encontro de Jesus com o Pai, como libertador da pessoa e da criação. Traz um Deus compassivo, de entranhas maternas, que parte das vidas concretas das pessoas, e preferencialmente, das que são descartadas.

---

Cânticos 1.5-6,» *Estudos Feministas*, vol. 21, n.º 3 (2013): 1190.

<sup>25</sup> Heitor Frisotti, «Povo negro e Bíblia: retomada histórica,» *Estudos Bíblicos*, n.º 19 (1994): 39.

<sup>26</sup> James Hal Cone e Gayraud S. Wilmore, *Teologia Negra*, trad. Euclides Carneiro da Silva (São Paulo: Paulinas, 1986), 239.

<sup>27</sup> Maricel Mena López, *Hermenêutica bíblica negra feminista latino-americana*. Relatório de pesquisa, 2003, 974.

Hoje, na diversidade e enorme pluralidade que vivemos, não há como nos referir a apenas uma teologia, mas a diferentes teologias libertadoras, ou teologias plurais, como também são chamadas, pois suas reflexões partem das vidas concretas das pessoas discriminadas e descartáveis da atualidade, entre elas: homens/mulheres, os/as negros/as, os/as indígenas, os/as refugiados/as, as pessoas sem teto, com deficiência, e LGBTQIAP+.

Trata-se de teologias que se encontram unidas pela interseccionalidade com as ciências biológicas, culturais, espirituais, e ajudam a inspirar e fundamentar as teologias feministas, negra, indígena, *queer*, e a teologia do corpo que trouxe os corpos que tinham não só fome, mas sexualidade, com as diferenças de gênero e orientação sexual, podendo-se pensar, então, em teologias libertadoras LGBTQIAP+ inclusivas, onde a justiça social pode se unir à ética da inclusão.

Emmanuel Lévinas, em sua reflexão filosófica, partiu das necessidades do outro para elaborar a ética da alteridade. Mostrou a dificuldade que a pessoa tem em aceitar o diferente de si mesma e o desejo de eliminá-lo. Para ele, o ser humano faz parte de uma sociedade violenta, é antropologicamente fechado e voltado para si. Dessa forma, para que possa se transformar em alguém «melhor que ser», só existe o caminho da ética, pois esta abrange o «ser-para-além-do-ser». Só a ética é capaz de unir o relacionamento social e o relacionamento religioso, sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, mas transformando o ser humano em uma pessoa adulta sociável e religiosa.

A ética é o único meio de nos levar a um «humanismo baseado no outro». «Um projeto que visa resgatar a transcendência da libertação do homem pelo homem.»<sup>28</sup> Um serviço profético no qual a justiça e a igualdade social são estabelecidas em uma relação em que o eu será sempre o primeiro a responder pelo outro e por toda a humanidade.

---

<sup>28</sup> Nélio Vieira de Melo, *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003), 278.



Da mesma forma, a antropologia teológica nos indica que só através do seguimento de Jesus Cristo, como lembra José M. Castillo, é possível vivenciar a ética de Cristo, que prioriza o amor, a dignidade e felicidade da pessoa humana, como aponta o Sermão da Montanha<sup>29</sup>. É este amor que impulsiona cada pessoa ao Outro e guia, mesmo quando não se tem as rígidas regras do passado. A meu ver, é um amor que traz como guia a liberdade de consciência da pessoa humana, para ser possível viver «uma ética onde há lugar para todas as pessoas no que são iguais e diferentes, para se ter um interrelacionamento harmonioso, feliz, amoroso com a participação de “todas/os/es” na sociedade»<sup>30</sup>. Isto é vivenciar a «ética da inclusão». Não se trata da imposição de viver conforme os padrões da sociedade, mas que cada pessoa possa participar de forma construtiva e ser respeitada como é. Onde possa, como cidadã ou membro da Igreja, ser ouvida e procurar modificar o que acredita ser importante. Afinal, «Deus está conosco quando estamos sós ou na multidão, e conosco Ele chora, sorri e luta por justiça, e leva-nos à vivência de uma ética que inclui, ativamente, todas as pessoas, com os mesmos direitos, deveres, vivendo, mais do que a igualdade, a equidade»<sup>31</sup>.

Ser reconhecida em sua dignidade, como filha amada, é o desejo de cada pessoa. Para que isto possa acontecer, é necessário que as teologias se preocupem com as pessoas que estão fora do padrão, e por este motivo, excluídas da igreja e sociedade. Para o Prof. Dr. André Musskopf,<sup>32</sup> que deu início à teologia *queer*, no Brasil, com esta teologia ele procurou expor e examinar os discursos e práticas religiosas, usando como lente a sexualidade na sua inter-relação com questões de classe, gênero, raça/etnia.

---

<sup>29</sup> Cf. Mt 5-7.

<sup>30</sup> Maria Cristina Silva Furtado, «É possível religião, estado e educação trabalharem juntas contra a violência de gênero?» in *Anais do 13th Women's Worlds Congress & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. Transformações, Conexões, Deslocamentos*, Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498849461\\_ARQUIVO\\_Textocompletopocongresso.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498849461_ARQUIVO_Textocompletopocongresso.pdf)

<sup>31</sup> Maria Cristina Silva Furtado, «O futuro e a ética da inclusão,» *CREatividade. Revista da Cultura Religiosa*, n.º 2 (2020): 44-45, disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.CRE.50206>

<sup>32</sup> O Prof. André Musskopf deu início, no Brasil, aos estudos sobre a teologia *queer*. Entre os seus livros publicados, está a sua tese de doutorado hoje publicada como livro: André Sidnei Musskopf, *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil* (São Paulo: Fonte Editorial, 2012).

### 9. A teologia *queer*

Ao nos referirmos a *queer*, é importante lembrar que os estudos de gênero têm mostrado que a bissexualidade biológica (homem/mulher), como única possibilidade, tem sido cada vez mais contestada, surgindo propostas de se pensar em seres humanos, sem divisões estanques. Uma perspectiva que trata da fluidez de corpos e não mais se refere a sexualidade, mas a sexualidades. Uma teoria onde não existem classificações universais, já que todas as classificações seriam produtos culturais, e o que existe são múltiplas identidades sociais anômalas. «A teoria *queer* e os estudos *queer* propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução.»<sup>33</sup>

Na teologia *queer*, também a hermenêutica feminina tem estado presente, de forma marcante. A argentina Marcella Althaus-Reid, em 2000, através da sua obra *Indecent Theology*<sup>34</sup>, rompeu com o «decente» como senso comum, o normal, o padrão, e trouxe a proposta inédita, do ser «indecente», o fora do padrão. Com reflexões que partem das pessoas que se entendem dessa forma, esta teóloga trouxe a imagem do Deus *queer*. Um Deus que está sempre em processo, possuidor de múltiplas identidades, e que nunca podemos conhecer totalmente porque, ao pensarmos que o conhecemos, já há muito mais a conhecer. Marcella Althaus-Reid incorporou à teologia da libertação elementos da teologia feminista, da teologia *queer* e da bissexualidade, com o corpo sentindo fome, tornando-o sexualizado, possuidor de gênero e orientação sexual. O pobre passou a ser também o *gay*, a lésbica, a travesti, etc.

No Brasil, uma expoente da teologia *queer* é a reverenda Prof. Ana Ester, da Igreja da Comunidade Metropolitana. De acordo com esta teóloga, o termo *queer*, na década de 80, era usado como xingamento, e

---

<sup>33</sup> Joshua Gamson, «As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa,» in *O planejamento da pesquisa qualitativa*, org. Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincon (Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2006), 347.

<sup>34</sup> Cf. Marcella Althaus-Reid, *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics* (Nova Iorque: Routledge, 2000).

foi reapropriado pelos movimentos sociais e academia como uma forma subversiva. Para ela, quando uma pessoa LGBTIAP+ afirma-se *queer*, não se refere a identidade, mas ao compromisso em subverter a realidade de uma identidade. A teologia também se apropriou desse termo para pensar nas relações com Deus a partir de seus corpos e de suas experiências sexuais. «A teologia Queer é plural como plurais são nossas vivências sexuais e de gênero. Sua definição não implica em estabelecer uma regra para o que é e como deve ser feita, mas sim para afirmar que várias são as maneiras de ler a Bíblia a partir da integralidade de nossas vidas.»<sup>35</sup>

### 10. A teologia lésbica

Mary Hunt é o nome da teologia feminista que prioriza a libertação das mulheres e crianças dependentes em um mundo injusto. Preocupa-se com mulheres marginalizadas, excluídas, principalmente as mulheres lésbicas, trazendo uma importante perspectiva que precisa ser incluída na reflexão teológica.

Segundo esta pesquisadora, com base na teologia antiga, *gays/lésbicas* não são «intrinsecamente maus», e estas interpretações surgiram muito depois, colocadas pela Igreja Católica. Hunt reivindica alguns assuntos importantes para a expressão sexual lésbica, como a maternidade compartilhada e a chamada lésbica à santidade. Para ela, «mulheres lésbicas são inteira e igualmente parte de todas as comunidades fiéis. Assim sendo, a detestável retórica do Vaticano obscureceu a bondade e o valor das mulheres lésbicas. Eu procuro mostrar isso»<sup>36</sup>. Segundo Mary Hunt, a teologia feminista lésbica não está totalmente formulada, o que existe são esboços que estão sendo feitos, por ela e outras teólogas.

---

<sup>35</sup> Ana Ester, *We're seeking you*, s.d., disponível em: <https://visitmccchurch.com/portfolio/o-que-e-teologia-queer/> (acedido em 27.03.2022).

<sup>36</sup> Mary Hunt, «A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental», entrevista *in* IHU Online, edição 199, em 9 out. 2006, disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/472-mary-hunt-1>

## Conclusão

Embora a luta pelo reconhecimento continue, a hermenêutica do feminino na teologia, cada dia, é mais respeitada. É verdade que muitas das teologias atuais não estão totalmente formuladas, mas isto é importante, pois se trata de vida, do que está se vivendo e sentindo, e não algo estático.

Abordar estas hermenêuticas em um dossiê como este mostra como os responsáveis sugerem: resistência, valorização e potencialização. São hermenêuticas realizadas, como pede o Papa Francisco, em defesa do planeta, das minorias, das mulheres, e das mais diferentes pessoas e grupos sociais. Teologias que buscam pensar e olhar para o outro como ele é, perceber o que cada pessoa possui de diferente e de igual ao outro. Que procuram mostrar que cada pessoa é especial porque foi criada por um Deus que tudo o que criou é bom! Um Deus que ama incondicionalmente a todas as pessoas, independente de sexo, gênero, raça, religião etc., e privilegia a vida, celebra o amor, e cada pessoa, como ela é. Em um ano em que o Papa pede para a Igreja ouvir os mais diferentes membros em busca de uma comunhão sinodal, todas as vozes são importantes.

Finalizo, trazendo o olhar de uma mulher sobre a mulher. Acredito que um tanto das hermenêuticas femininas atuais, das conquistas e da luta da mulher brasileira estejam presentes nesta fala e oração da Rev. Prof. Ana Ester.

Mulher... Será que é possível defini-la? Ou melhor – ainda é preciso defini-la? Nasci em uma época em que se cantava «mulher é bicho esquisito, todo mês sangra»... / Ainda é possível dizer que mulher todo mês sangra? O destino biológico do que deveríamos ser nos reduzia a um pacote de absorventes mensal – absorventes que até hoje nem todas temos o direito a ter/. Lutamos contra a pobreza menstrual, porque em pleno século XXI mulheres em situação prisional, em situação de rua, aprendem: nem só de pão viverá a mulher/. O pão mata a fome e seu miolo absorve o sangue. Absorver o sangue – sorver o sangue das injustiças nossas de cada dia. /Ainda

é possível dizer que mulher todo mês sangra? Mulheres reduzidas ao útero – por quê? Porque a mulher-útero serve para uma coisa só: reproduzir. Arrancamos nossos úteros. Nos refizemos em salas de cirurgia que arrancam nossos pólipos, miomas e cânceres. Mas, o câncer ainda nos abraça os seios. Ainda é possível dizer que mulher todo mês sangra? O traviarcado revolucionário nos mostra todos os dias que não é o útero, nem os ovários, nem os seios, que definem o que é ser mulher. Mas, essas mulheres nos mostram que mulheres ainda sangram – não pelo buraco de baixo, mas pelo soco na cara, pela paulada na cabeça, pelo tiro no peito. «Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra...» / Diante do sangue que anuncia a vida, e do sangue que denuncia a morte, oramos. E à semelhança do Cristo no sangue encharcado, ressuscitamos, / Ao terceiro dia. Ao terceiro mês. Ao terceiro ano. Ressurgimos em outros corpos, em outras alianças, em outras semelhanças. «Coloca o teu dedo aqui; vê as minhas mãos. Estende tua mão e coloca-a no meu lado. Agora não sejas um incrédulo, mas crente.» Crente/. Creio em Deus Mãe, no Jesus amigo e no espírito da Sabedoria. Juntas – sangrando ou sendo sangradas comunguemos do sangue derramado por nós e em nosso favor. Amém.<sup>37</sup>

## Bibliografia

- Althaus-Reid, Marcella. *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*. Nova Iorque: Routledge, 2000.
- Beozzo, José Oscar. «A caminhada da Teologia da Libertação: o êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas.» In *50 anos de Teologias da Libertação. Memória, revisão, perspectivas e desafios*. Organizado por Edward Guimarães, Emerson Sbardelotti, e Marcelo Barros. Vol. 1, 15-87. São Paulo: Ed. Recriar, 2022.
- Betoni, Camila. «Minorias brasileiras.» InfoEscola, 21 nov. 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/minorias-brasileiras/> (acedido em 23.03.2022).

---

<sup>37</sup> A Rev. Ana Ester, ao ser entrevistada na Igreja Batista, respondeu à pergunta: O que é ser mulher?

- Bingemer, Maria Clara Lucchetti. «La mujer: protagonista de la evangelización.» *Revista Diakonia*, 125 (2008): 93-105. <http://repositorio.uca.edu.ni/4484/1/La%20mujer%20Protagonista%20de%20la%20evangelizaci%C3%B3n.pdf>
- Bingemer, Maria Clara Lucchetti. «A mística na raiz das Teologias da Libertação.» In *50 anos de Teologias da Libertação. Memória, revisão, perspectivas e desafios*. Organizado por Edward Guimarães, Emerson Sbardelotti, e Marcelo Barros. Vol. II, 167-181. São Paulo: Ed. Recriar, 2022.
- Boff, Clodovis, e Leonardo Boff. *Da libertação: o teológico das libertações sócio-históricas*. 4.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- Caldeira, Cleusa. «Hermenêutica negra feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6.» *Estudos Feministas*, vol. 21, n.º 3 (2013): 1189-1210.
- Carmo, Solange Maria do, e Francisco Cornélio Freire Rodrigues. «Teologia da Libertação: um sopro do Espírito na América Latina.» In *50 anos de Teologias da Libertação. Memória, revisão, perspectivas e desafios*. Organizado por Edward Guimarães, Emerson Sbardelotti, e Marcelo Barros. Vol. 1, 183-199. São Paulo: Ed. Recriar, 2022.
- Cone, James Hal, e Gayraud S. Wilmore. *Teologia Negra*. Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986.
- Ester, Ana. *We're seeking you*, s.d. Disponível em: <https://visitmccchurch.com/portfolio/o-que-e-teologia-queer/> (acedido em 27.03.2022).
- Ferreira, Lola. «Marielle: Bate-boca marca reunião de família com governador do RJ e política.» UOL, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/03/18/reuniao-castro-secretario-marielle-4-anos.htm> (acedido em 23.03.2022).
- Fiorenza, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de iguais: uma eclesiologia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- Francisco, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*, 24 maio 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)
- Frisotti, Heitor. «Povo negro e Bíblia: retomada histórica.» *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.º 19 (1994): 36-48.
- Furlin, Neiva. «Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico.» *Rever*, ano 11, n.º 01 (2011): 139-164. Disponível em: <https://doi.org/10.21724/rever.v11i1.6034>

- Furlin, Neiva. *Relações de gênero, subjetividades, e docência feminina: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica*. Dissertação de doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/36056>
- Furtado, Maria Cristina Silva. «É possível religião, estado e educação trabalharem juntas contra a violência de gênero?» – In *Anais do 13th Women's Worlds Congress & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. Transformações, Conexões, Deslocamentos*, Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498849461\\_ARQUIVO\\_Textocompletopocongresso.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498849461_ARQUIVO_Textocompletopocongresso.pdf)
- Furtado, Maria Cristina Silva. «O futuro e a ética da inclusão.» *CREatividade. Revista da Cultura Religiosa*, n.º 2 (2020): 44-45. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.CRE.50206>
- Gamson, Joshua. «As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa.» In *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Organizado por Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincon, 345-362. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2006.
- Gebara, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Ed. Olho D'água, 1997.
- Halkes, Catharina Joana Maria, e Hedwig Meyer-Wilmes. «Teologia feminista.» In Elizabeth Gossman, *Dicionário de teologia feminista*, 502-505. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Hunt, Mary. «A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental». Entrevista. In IHU Online, edição 199, 9 out. 2006. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/472-mary-hunt-1>
- Melo, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPU-CRS, 2003.
- Mena López, Maricel. *Hermenêutica bíblica negra feminista latino-americana*. Relatório de pesquisa, 2003.
- Moreira, Suzana Regina. *O corpo é o que nos une: uma antropologia teológica integral a partir da teologia da libertação latino-americana*. Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/pucRio.acad.53252>
- Musskopf, André Sidnei. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- Pacheco, Ronilso. *Teologia Negra. O sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Ed. Novos Diálogos, 2019.

Paulo VI, Papa. *Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado dos leigos*, Vaticano, 18 nov. 1965, 32. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)

Paulo VI, Papa. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*, Vaticano, 7 dez. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)

Serra, Paolla. «Filme vai contar a história da juíza Patrícia Acioli, assassinada por policiais militares em Niterói.» *O Globo*. 19 mar. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/filme-vai-contar-historia-da-juiza-patricia-acioli-assassinada-por-policiais-militares-em-niteroi-25438595>

Támez, Elsa. «Religião, gênero e violência.» *Koinonia*. Agenda Latino-Americana, 2011. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=353>

Valério, Adriana. *A presença feminina no Vaticano II. As 23 mulheres do Concílio*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2014.

Artigo submetido a 31.03.2022 e aprovado em 04.05.2022.

